

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Instituto de Artes

NATHÁLIA OLIVEIRA SILVA

BRUXAS E A ARTE:
a construção da imagem das feiticeiras nas artes visuais

SÃO PAULO - SP
2024

Nathália Oliveira Silva

BRUXAS E A ARTE:
a construção da imagem das feiticeiras nas artes visuais

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais sob a orientação da Profª Drª Rosângela da Silva Leote.

São Paulo - SP

2024

Ficha catalográfica desenvolvida pelo Serviço de Biblioteca e Documentação
do Instituto de Artes da UNESP. Dados fornecidos pelo autor.

S586b Silva, Nathália Oliveira (Nathz), 2000-
Bruxas e a arte : a construção da imagem das feiticeiras nas artes
visuais / Nathália Oliveira Silva. -- São Paulo, 2024.
36 f. : il. color.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Rosângela da Silva Leote.
Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Artes Visuais) –
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Instituto de Artes.

1. Pintura. 2. Feiticeiras. 3. Feitiçaria. 4. Cristianismo. 5. Inquisição. 6.
Goya, Francisco, 1746-1828. 7. Dürer, Albrecht, 1471-1528. I. Leote,
Rosângela (Rosângela da Silva Leote). II. Universidade Estadual Paulista,
Instituto de Artes. III. Título.

CDD 755

Bibliotecária responsável: Catharina Silva Gois - CRB/8 11323

NATHÁLIA OLIVEIRA SILVA

BRUXAS E A ARTE:

a construção da imagem das feiticeiras nas artes visuais

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como parte dos requisitos para a obtenção do grau de Bacharel em Artes Visuais sob a orientação da Profª Drª Rosângela da Silva Leote.

Trabalho de conclusão de curso aprovado em: 25/11/2024

Banca Examinadora:

Profª Dra Rosângela da Silva Leote
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” — Orientadora

Me. Marco Antônio Baena Fernandes Filho - Examinador
Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”

AGRADECIMENTOS

Principalmente para Adriana e Angelita; obrigada por me presentearem com a força que me trouxe até aqui. E antes de tudo, para meus ancestrais que presentearam com a magia. E obrigada Marco pela paciência.

RESUMO

Este trabalho é uma análise das raízes e influências para os estereótipos que guiam a representação das feiticeiras dentro da arte desde a Idade Média, através de uma análise bibliográfica sobre o período histórico e um aprofundamento em obras que trazem essas mulheres mágicas, focando nos trabalhos de Francisco de Goya e Albrecht Dürer e como a visão retratada nessas pinturas tem grande impacto do manual inquisitório, “O Martelo das Feiticeiras”. Através deste estudo, abre-se uma reflexão sobre minha própria produção e como ela é inclinada ao imagético cristão sobre a bruxaria, apesar de minhas práticas pessoais seguirem um caminho paralelo. Esse ponto de partida, nos leva a destrinchar como a feitiçaria passou a ser “pintada” de outras maneiras, principalmente ao longo das últimas décadas e em uma busca pessoal para transformar minhas bruxas interiores.

Palavras chave: bruxas; feitiçaria; Dürer; Goya; história da arte; bruxaria; malleus maleficarum.

ABSTRACT

This work is an analysis of the roots and influences for the stereotypes that guide the representation of sorceresses within art since the Middle Ages, through a bibliographical analysis of the historical period and an in-depth look at works that feature these magical women, focusing on the works of Francisco de Goya and Albrecht Dürer and how the vision portrayed in these paintings has a great impact on the inquisitorial manual, "The Hammer of Witches". Through this study, it opens up a reflection on my own production and how it is inclined to Christian imagery about witchcraft, despite my personal practices following a parallel path. This starting point leads us to unravel how witchcraft came to be "painted" in other ways, especially over the last few decades and in a personal quest to transform my inner witches.

Keywords: witches; wizardry; Dürer; Goya; art history; witchcraft; malleus maleficarum.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1 - Fotografia Malleus Maleficarum edição veneziana de 1576 -----	11
Imagem 2 - Gravura colorida: SATAN & SORCERER -----	12
Imagem 3 - Gravura "As quatro bruxas" -----	17
Imagem 4: Fotografia As três Graças -----	18
Imagem 5 - Óleo sobre tela: A adoração do Nome de Deus -----	20
Imagem 6 - Gravura: "25.- Quebrou o cântaro." -----	21
Imagem 7 - Gravura: Caprichos de Bruxas: n.º 68.- "Linda mestra" -----	21
Imagem 8 - Óleo sobre tela a partir de um afresco: El Aquelarre -----	23
Imagem 9 - Caneta BIC e papel A4: Lilith -----	26
Imagem 10 - Caneta e papel A4 : "Medusa I" -----	28
Imagem 11 - Aquarela e caneta em papel A5: "Medusa II" -----	29
Imagem 12: Acrílica sobre tela - "Medusa III ou Holy M" -----	30
Imagem 13 - Acrílica sobre tela: "Medusa III ou Holy M" (detalhe) -----	31
Imagem 14 - Frame do filme "A Bruxa" (2016) -----	32

SUMÁRIO

1 Introdução -----	9
2 O malleus maleficarum, como identificar as feiticeiras (e como construir uma imagem) -----	11
2.1 Albert Dürer e o cristianismo -----	16
2.2 Francisco Goya e suas pinturas negras -----	20
3 Bruxas interiores -----	25
4 Séculos depois...como elas nos enfeitiçam hoje? -----	32
5 Considerações finais -----	34
Referências -----	35

1 INTRODUÇÃO

Esta monografia nasceu em 2020 em uma disciplina de história da arte. Na verdade, talvez tenha nascido até antes quando minha versão mais jovem descobriu o paganismo e já rabiscava e consumia todo tipo de obra “enfeitiçada” pelas mais diversas bruxas. O principal ponto dessa pesquisa é a investigação de como a imagem estereótipo que temos da bruxa atualmente foi criada nas artes visuais e com qual intenção essa figura foi moldada de determinada maneira, através de uma viagem pelos trabalhos de diversos artistas desde o passado até a contemporaneidade, priorizando obras de Francisco de Goya e Albrecht Dürer, a relação de ambos com a religiosidade e a influência do *Malleus Maleficarum* (ou Martelo das Feiticeiras) em suas bruxas e na representação do mal.

Os primeiros capítulos desta pesquisa são dedicados a entender o surgimento do Martelo das Feiticeiras, seu conteúdo e influência na sociedade. Também nos aprofundaremos na vida dos dois artistas mencionados anteriormente, a relação de ambos com a instituição Igreja e como isso afetou a forma como ambos usavam a imagética da bruxaria em seus trabalhos. Finalizando os capítulos iniciais, buscaremos entender quem de fato eram as ditas bruxas e se houberam produções de imagens fieis à realidade dessas pessoas.

O terceiro capítulo usa dessa temática como ponto inicial para suprir uma necessidade de analisar minha produção pessoal, enquanto pessoa praticante de atividades religiosas pagãs e como essa visão “cristianizada” impactou minha própria visão e expressão de uma vivência que possuo e que difere muito daquilo que a concepção tradicional nos apresentou. Mudar para um olhar mais crítico acerca das reproduções das práticas mágicas e entender de fato as bases dessas ideias, me fez perceber que embora eu resista em defesa da minha expressão espiritual e até mesmo, da minha liberdade enquanto corpo lido como feminino, minhas referências para essas ilustrações bebiam e reproduziam muito daquilo usado para estereotipar e vilanizar essas características.

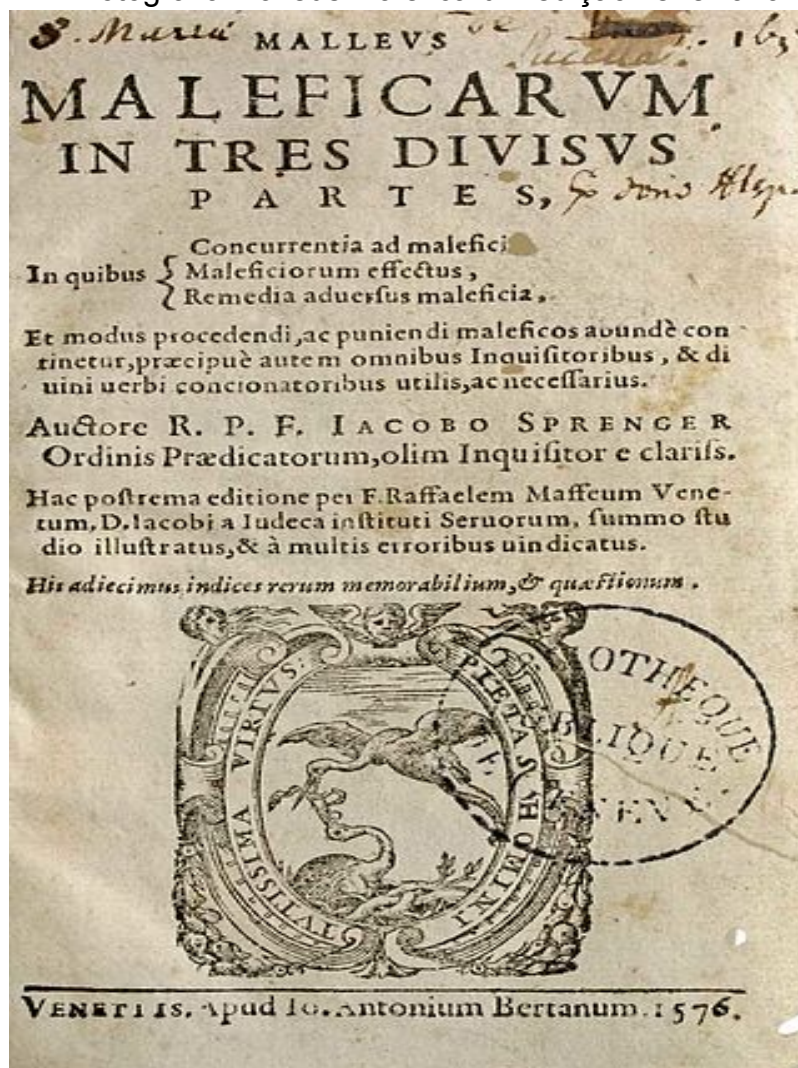
Então como subverter esses estigmas? Como mostrar essas (em sua maioria) mulheres em lugar de força e não malignidade? Como trazer a magia real em obras ainda assim enaltecendo seu caráter de força? Como ressignificar esses símbolos? Como

atualmente dentro das artes as bruxas aparecem lançando seus feitiços sem necessariamente estarem atreladas à uma aura diabólica? Todas essas perguntas são frutos do questionamento inicial “de onde essas figuras surgiram?” e não apenas isso, mas é possível abrir diversas considerações de como todas essas concepções criadas e espalhadas através do visual impactam socialmente certos grupos, desde seu surgimento até os dias atuais.

Ao fim desse processo de análise histórica, artística e até mesmo pessoal, talvez alguns destes pontos sejam respondidos com os diversos exemplos das mudanças que as feiticeiras sofreram no imaginário popular (e claro, na arte) ao longo dos séculos. A forma como essas pessoas transformaram-se em um símbolo de liberdade e rebelião para muitos e acima de tudo, como em minha própria produção, elas foram modificadas de seres que de certa forma “precisavam” abraçar uma aura ameaçadora, para indivíduos que apenas cultuam sua magia e espiritualidade em caminhos paralelos.

2 O malleus maleficarum, como identificar as feiticeiras (e como construir uma imagem)

Imagem 1 - Fotografia Malleus Maleficarum edição veneziana de 1576

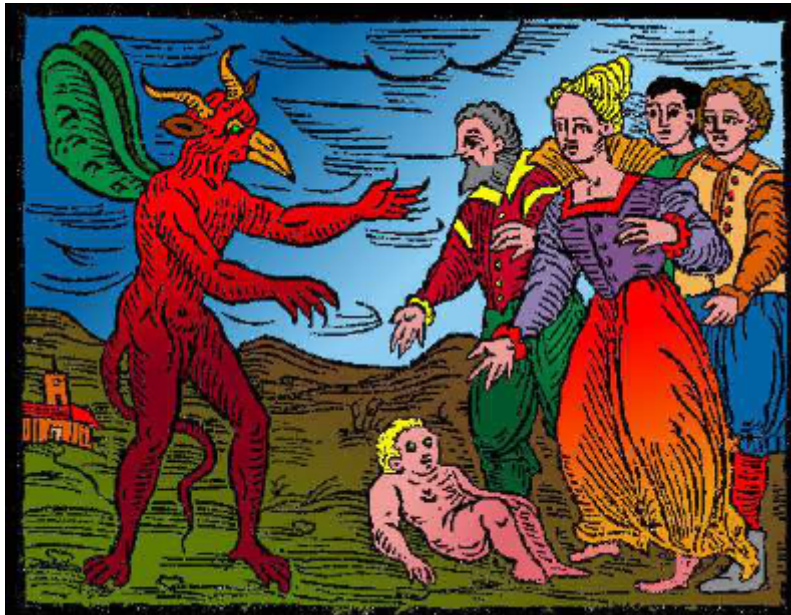


Fonte: Wikipedia, 2016.

Publicado inicialmente em 1487, na Alemanha, o famoso e controverso *Malleus Maleficarum*¹ ou “Martelo das Feiticeiras” (figura 1), escrito pelos monges dominicanos, Heinrich Kraemer e James Sprenger, foi o primeiro grande trabalho a representar, descrever e classificar o que seria uma bruxa e suas práticas, criando estereótipos e associações que habitam o imaginário coletivo e a forma como essas mulheres são apresentadas nas artes até os dias atuais.

¹ Manual Inquisitorial - livros usados para combate aos praticantes de heresias

Imagem 2 - Gravura colorida: SATAN & SORCERER, 1626.



Fonte: Malleus Maleficarum edição online, 2007.
Dimensões desconhecidas.

Heinrich e Sprenger foram teólogos que passaram a ocupar o cargo de inquisidores na Alta Alemanha no ano de 1478, a perseguição aos ditos hereges já ocorria pela Europa antes mesmo do manual inquisitório começar a ser escrito. Em 1484, o Papa Inocência VIII publicou a bula *Summis Desiderantis Affectibus* - nela, o pontífice abominava o crescimento da bruxaria no país e designava aos dois monges a missão de avaliar a bruxaria e outras formas de sacrilégio para assim exterminar esses seres malignos. Foi dessa missão que, escrito em latim, o manual surgiu e foi usado como um dos principais guias da Inquisição a partir do século XV. Embora tenham surgido outros livros com o mesmo propósito, este teve grande destaque, sendo considerado o mais perverso.

De acordo com o livro, o conceito de bruxa está ligado, como citado anteriormente, à heresia. Feiticeiras e feiticeiros eram aqueles que discordavam da Igreja, que seguiam crenças e cultos relacionados às velhas religiões pagãs; que desvirtuaram-se da Palavra Sagrada e tentavam “corromper” outras “pessoas de Deus” do caminho considerado correto; que causavam o mal através de seus “encantamentos” cedidos por Satã com quem, acreditava-se, faziam pactos (imagem 2) ou eram aqueles

que simplesmente ousavam duvidar da existência desses seres ou de uma acusação de bruxaria.

Segundo Eco, era necessário para a época, que esses indivíduos que rejeitavam a fé cristã, fossem representados [...] diferente das majorias das pinturas romantistas da época. Isso era necessário para que ninguém se sentisse atraído em seguir tais caminhos ou sentir admiração por esses aparentemente tão errôneos e pecaminosos ritos. As mulheres tidas como bruxas, além de serem vistas como feias, também foram relacionadas ao diabo – o que enfatizava o quão ligadas ao pecado elas seriam (Areias, 2018, p. 12)

O manual foi dividido em três partes: a primeira que explica de forma emocional o ponto de vista dos autores acerca das condições necessárias para a bruxaria: “o demônio, um bruxo e a permissão de Deus Todo Poderoso”; a parte dois que fala sobre os métodos usados para infringir malefícios e como curá-los; e a terceira parte na qual descrevem como fazer, através de torturas, com que as bruxas confessem os crimes aos quais estão sendo acusadas e como julgá-las. Além disso, no início do texto, uma bula papal criada três anos antes é inserida de forma a passar a ideia de que o alto Clero estava de acordo com os escritos. O guia, de modo geral, é bem resumido pela fala do Dr. Han Broedel, professor do departamento de história da University of North Dakota:

Se suas cabras estão morrendo, se seus filhos ficam doentes e você puder associar esses fatos com ameaças de pessoas desagradáveis, você terá um caso de bruxaria. (Michaels. WITCH Hunter's Bible. 2010. 45:08 min)

Apesar de muitos homens também terem sido condenados através desse manual, as mulheres, neste contexto, recebiam especial perseguição e tendência a possuírem suas imagens relacionadas a ideia do ser maligno praticante de magia - esse ideal foi um dos pilares para que o sexo feminino fosse colocado em um local de opressão e submissão. Essa diferenciação pode ser vista no seguinte trecho:

Portanto, consideremos antes de mais nada às mulheres; e primeiro porque este tipo de perfídia se encontra num sexo tão frágil; mais que nos homens. E nossa investigação será antes de mais nada geral, e quanto ao tipo de mulheres que se entregam à superstição e a bruxaria; e terceiro de maneira específica, com relação às parteiras que superam em malignidade a todas as outras (Kraemer; Sprenger, 1487, p. 49.)

O conceito criado pelo *Maleficarum*, apoiado pela Igreja e reforçado pela arte ao longo dos séculos, traz o feminino como um ser fraco que pode facilmente tornar-se um instrumento do mal através de sua sexualidade e independência. Muito dessa representação vem do ódio que o próprio Heinrich Kramer nutria pelas mulheres e também pelo ato sexual. Tanto a bula escrita pelo Papa, quanto o próprio Martelo foram meios encontrados para que ele conseguisse apoio em sua busca de perseguir e torturar aquilo que tanto desprezava.

A bruxaria, pode ser entendida como uma forma de tomada de poder pelo feminino, um local onde o mesmo é visto como divino e onde os homens não são o supremo; uma regência que só poderia ser usada para a destruição de acordo com essa visão. O livro demoniza as antigas crenças que exaltavam o feminino e a força da mulher, além de estigmatizar aquelas que tinham alguma forma de superioridade na sociedade, como no caso das parteiras que são descritas como pessoas que possuem mais malignidade que todas as outras, transformando-a em uma figura que é apenas um objeto de demônios; falando e agindo por eles e que por isso deve ser temido e destruído.

A categoria que se deve classificar as mulheres desta classe se denomina das Pitonisas, pessoas em ou por meio de quem o diabo fala ou realiza alguma obra assombrosa, e com frequência esta é a primeira categoria. (Kraemer; Sprenger, 1487, p. 13)

Dentro das artes foram criados dois principais estereótipos para imagem das feiticeiras: o primeiro, o da velha macabra cheia de verrugas com uma aparência que nem mesmo nos remete a algo humano - uma ideia criada para incitar o medo e fazer com que a população temesse tudo que “desviasse-se” do caminho cristão mostrando que o “mundano” era feio e asqueroso, um reflexo do próprio Diabo - aqueles que o “seguissem” se assemelhavam à ele.

A ideia em torno das bruxas e do demoníaco deve-se a Igreja Católica, difundida no imaginário da época para maior controle do povo (ECO, 2007, p. 185). Vários artistas retrataram bruxas ao longo da história da arte, bem como seus sabbaths, suas relações com o oculto e com o diabo, [...] a noção de feio vai além de conceitos estéticos, mas está atrelada às noções de moral do indivíduo que a define (Areias, 2018, p. 6)

O segundo é o da mulher extremamente bela e sedutora que atrai todos por meio da sua sexualidade exacerbada, frequentemente retratadas nuas - essa imagem foi usada para controlar, condenar e classificar como demoníaco o sexo feminino e aquelas que negavam-se a completa submissão, seja social seja sexual. Bem como, legitimar casos de traições alegando que os maridos estavam enfeitizados pelas bruxas. Nesse aspecto, a beleza é representada num local de perigo e não de apreciação.

Essas duas formas distintas são apresentadas nas mais diversas obras por séculos e são um exemplo de como as artes são um instrumento político para espalhar e reforçar os ideais de uma determinada classe em um determinado tempo. No contexto analisado, essa linguagem algumas vezes veio para potencializar o poder da Igreja Católica e da Bíblia como Lei, quase como formas de aviso do que é “correto”; outras vezes, para criticar esses princípios e os métodos adotados por aqueles que os seguem.

Através do olhar para as obras de Dürer e Goya podemos analisar essa dualidade e como o cristianismo moldava o pensamento em suas épocas e vivências.

Olhando para as obras de ambos os artistas mencionados anteriormente, nota-se uma duplicidade nos trabalhos e no uso da imagem das bruxas. Goya seguia os estereótipos apresentados no Martelo das Feiticeiras em suas obras, apresentando uma figura muito próxima ao monstro que a Inquisição pintava para população - seres sub humanos, quase sempre acompanhados do próprio demônio; entretanto, essa utilização era feita buscando criticar e denunciar os absurdos que ocorriam na sociedade onde ele vivia. Dürer, por sua vez, se utilizava do aspecto da luxúria citada no manual inquisitório para criar a ideia de tentação, que remete a passagens bíblicas na qual os fiéis passam por provações divinas para fortalecer a própria fé e de certa forma, endossava o discurso por trás dessa imagem.

Apesar de ambos os artistas terem um histórico de trabalhar para cortes, possuem obras que tratam de temas cristãos e abordam as bruxas em suas criações, seus olhares para com as ditas “feiticeiras” divergem em aspectos formais e convergem ao se utilizarem de ideias criadas e amplamente divulgadas pelo *Malleus Maleficarum* como meio para comunicar ao público suas mensagens.

2.1 Albrecht Dürer e o cristianismo

Albrecht Dürer foi artista renascentista alemão nascido em 1471 que tornou-se um dos nomes mais reconhecidos do renascentismo nórdico. Filho de um ourives húngaro, aprendeu a desenhar com o pai aos 13 anos de idade e dedicou-se a diversos conhecimentos, como matemática, botânica e claro, diferentes linguagens artísticas. Ficou conhecido por suas gravuras e pinturas de temáticas cristãs como “Adão e Eva”, “Adoração da Trindade”, a série “Apocalipse” e principalmente, por seu auto retrato de 1500, no qual se coloca de forma icônica como um ser abençoado com o dom da representação; disse:

Assim como eles usavam as mais lindas proporções humanas para o seu ídolo Apollo, nós também deveríamos usar essas mesmas proporções para Cristo, o Senhor, o mais belo do mundo. E assim como eles usavam Vênus para expressar a mais sublime beleza, deveríamos usar a mesma figura elegante e refinada para a pura Virgem Maria, a mãe de Deus. E assim como Hércules, deveríamos fazer Sansão, e deveríamos fazer o mesmo com todos os outros.
(Dürer, 1510. p. 66.)

Diante desta afirmação, não só é possível perceber as influências greco-romanas e o conceito de belo do artista, mas também o seu ponto de vista em relação à forma ideal de se representar personalidades bíblicas. Embora a bruxaria não seja um tema central de produção, o espaço que ele abre para essa representação atrelado à sua visão religiosa, torna essas poucas imagens interessantes de serem avaliadas. O que leva ao questionamento do porquê ele optou por representar as bruxas a partir de referências clássicas em sua obra “As quatro Bruxas” (figura 3), gravura criada em 1497, exatos 10 anos após a primeira publicação do “Martelo das Feiticeiras”.

Nesta obra, há a presença de quatro mulheres nuas e descalças, de forma que seus corpos formam uma espécie de círculo embaixo de um globo, que pode representar um fruto, fazendo alusão a maçã consumida por Eva, o que ajuda a relacionar a bruxaria com a tentação e a proibição divina. Também é possível fazer uma relação com as rodas rituais presentes em religiões pagãs.

Imagem 3 - Gravura "As quatro bruxas".



21,6cm x 15,6 cm.
Fonte: Dürer, 1947.

Na luminária estão presentes os escritos "1497", ano de conclusão do trabalho e "O.G.H", que até hoje não se sabe ao certo o que significa, mas há quem acredite que seja "Odium Generis Humani" (Ódio à raça humana), ou "Ó Gott hüte" (Oh Deus, proteja-nos).

Uma provável referência clássica para o trabalho de Dürer foi “As três Graças”, que se assemelha nos seguintes aspectos: mulheres descalças, nuas, de cabelos presos, segurando um tecido e com a figura central de costas ao espectador.

Imagem 4: Fotografia As três Graças



119x85cm.

Fonte: Autor desconhecido, século II.

A forma clássica e sexual como as bruxas são apresentadas, é motivada pela crença de que através de seus corpos (usados por Satã) estas mulheres enfeitiçavam e desvirtuavam os homens e que era necessário ter-se cuidado, pois podem ser o caminho para a perdição, como é apontado no trecho:

E quanto a nossa segunda investigação, quais classes de mulheres são mais supersticiosas que outras e estão infectadas pela bruxaria, deve se dizer, como se mostrou no estudo precedente, que três vícios gerais parecem ter um especial domínio sobre as mulheres más, a saber: a infidelidade, a ambição e a luxúria. Portanto, inclina-se mais que outras à bruxaria, aquelas que mais se entregam a estes vícios. Além do que, dos três vícios, o último é o predominante, sendo as mulheres insaciáveis, etc. Daí que entre as mulheres ambiciosas, resultam mais profundamente infectadas aquelas com

temperamento ardoroso para satisfazer seus repugnantes apetites; e essas são as adúlteras, as fornicadoras e as concubinas do Grande. (Kraemer; Sprenger, 1487, p. 56.)

A luxúria na obra é vista pelas mãos das feiticeiras, que de forma velada indicam a masturbação: a figura a direita que toca a feiticeira de costas, esta que toca os próprios seios e a vulva e a bruxa da esquerda que toca a si mesma. Todo o trabalho é construído de forma a indicar um segredo feminino, devido ao fato do espectador não ver com clareza o que estas mulheres fazem, e a afirmar um perigo mortal, uma tentação que deve ser evitada, anunciado pela caveira e os ossos aos seus pés, ligando a sexualidade das mulheres ao maligno e à perda da salvação.

Através dessa análise, já é possível perceber alguns pontos que até hoje podem ser percebidos em nossa sociedade - como a condenação ao prazer feminino, algo ainda visto e tratado como “antinatural” ou “maligno” e claro, a ideia de que a união entre mulheres pode ser algo “perigoso”.

No canto inferior esquerdo, vemos uma figura animalesca em outro ambiente, que aparenta estar em chamas, indicando o inferno. Esta figura olha diretamente para as mulheres e segura uma espécie de varinha, símbolo usado para o fazer magia em diversas obras populares como “Harry Potter”, o que indica que as ditas bruxas estão sob o controle do Mal e agindo através dele.

As representações de Albrecht sobre as bruxas, embora não abraçassem o grotesco e novamente, nem mesmo fossem frequentes em seu trabalho, usavam do belo e do sensual como um instrumento de fortalecimento do pensamento e dos dogmas estabelecidos pela Igreja - uma estrutura da qual ele de certa maneira era parte e buscava reforçar.

Pensar esses pontos, é um reforço de como o trabalho de um artista é reflexo de suas crenças pessoais, meio e também contextos histórico-cultural.

2.2 Francisco de Goya e suas pinturas negras

Outro artista que se propôs a abordar a temática das bruxas em seus trabalhos foi Francisco José de Goya y Lucientes. Nascido em 1746 na cidade espanhola de Fuendetodos, um dos pintores e gravuristas mais importantes do século XVIII e da história da arte. Seu período de atividade foi de 1770 a 1828, compreendendo os movimentos do romantismo e barroco.

Filho de um artesão, o homem foi desde cedo orientado à pintura e o próprio Albrecht Dürer foi uma de suas grandes influências. Entretanto, as bruxas pintadas por Goya, apesar de terem a temática em comum, trazem uma visão e comunicam algo muito diferente das de sua inspiração.

O artista começou seus trabalhos com pinturas religiosas (Figura 5) que foram encomendadas pela Igreja, porém esses são os quadros de Goya considerados menos criativos, uma vez que ele não identificava-se com o neoclassicismo que estava em alta na época.

Imagem 5 - Óleo sobre tela: A adoração do Nome de Deus (1772). Francisco de Goya.



700cm x 1500cm.

Fonte: Goya, 1772.

Ele era muito famoso dentro da corte espanhola, sendo extremamente requisitado para retratar a nobreza, frequentando os ambientes da alta sociedade e tendo a amizade do rei Carlos III. Em 1788, pouco após o falecimento do monarca, Carlos IV

nomeou Lucientes como Pintor de Câmara, entretanto, mesmo com sua posição, conexões e título, silenciosamente o artista passou a aderir os ideais iluministas que repercutiram com a Revolução Francesa.

Em 1799, ele publicou a série de 80 gravuras chamada “*Los Caprichos*” (figuras 6 e 7) onde criticava de forma ferrenha a sociedade de sua época, em especial as barbaridades cometidas pela Inquisição. As figuras, gravadas à água-forte, usavam dos conceitos usados para caracterizar as feiticeiras e o mal como meio de fazer suas críticas para a forma como a mentalidade de fanatismo religioso de certa forma, corrompia a população.

Nas obras, apontava como as crenças do povo e as consequências delas eram movidas pela ignorância e esse foi o momento onde sua admiração pelos princípios iluministas, nascida na década de 1780 através do contato com diversos intelectuais, tornou-se pública fazendo com que o gravurista fosse condenado no tribunal inquisitório.

Imagem 6 - Gravura: "25.- Quebrou o cântaro." Francisco de Goya, 1799.

Imagem 7 - Gravura: *Caprichos de Bruxas*: n.º 68.- "Linda mestra" (1799). Francisco de Goya.



Figura 6: 0,216m x 0,151m.

Figura 7: 20.9cm x 14.8 cm.

Fonte: Goya, 1799..

Embora o *Malleus Maleficarum* tenha de certa forma trazido influência para sua obra, Francisco de Goya acabou sendo condenado por ele. A relação do rapaz com a

monarquia, salvou-o da perseguição, entretanto o pintor seguiu retratando questões sociais de sua contemporaneidade e as críticas em relação à inquisição cristã mantiveram-se frequentes em seus trabalhos. Um ano antes da divulgação de *Los Caprichos*, Francisco já trabalhava em obras que traziam a imagem das bruxas e críticas ao cenário religioso da época.

Em *El Aquelarre* (figura 8), também conhecido como *Sabbat das Bruxas*, o pintor retrata um ritual onde diversas mulheres estão em volta de um bode que representa Baphomet, essa figura possui alguns ornamentos que o enfeitam enquanto as feiticeiras ao seu redor, aparentando certo desespero oferecem crianças como oferenda ao ser que representa o mal. A oferenda de bebês está ligada à rejeição da maternidade, tida como um “presente máximo” e obrigação para pessoas com útero.

O sabbath era um encontro diabólico em que as mulheres, bruxas, eram seduzidas e praticavam orgias, se relacionando sexualmente com o diabo – normalmente em forma de bode, pois esse simbolizava a cobiça e os prazeres sexuais. (Areias, 2018, p. 26.)

O bode ou Satã é uma figura muito recorrente e central nas obras com as bruxas de Goya. Ele aparece sempre cercado de mulheres, nos remetendo a ideia existente na época de que o feminino era um instrumento do mal; recebendo sacrifícios que parecem criticar o pensamento de que todo mal que ocorria era culpa de feiticeiras que movidas pelo Senhor das Trevas desparareciam com crianças, destruíam plantações ou geravam o caos e a guerra entre as pessoas.

O uso da figura que remete a Baphomet é uma forma de lembrar também como o Martelo das Feiticeiras e a Igreja transformaram os deuses das antigas crenças em monstros malignos e todos que os cultuavam em inimigos que precisavam ser eliminados. A ilustração de um sabbat reforça essa “demonização” das fés antigas, uma vez que esses rituais em sua essência eram na verdade, celebrações da passagem das estações do ano, como por exemplo, o solstício de verão (litha), onde comemora-se a chegada do calor e fertilidade da terra ou o solstício de inverno (yule) onde os praticantes preparavam-se para o período de inverno onde não seria possível cultivar alimentos.

Imagem 8 - Óleo sobre tela a partir de um afresco: El Aquelarre, 1798.



43 x 30cm.

Fonte: Goya, 1798.

É interessante notar a mulher que aparece em frente ao bode, suas roupas são mais coloridas e chamativas e a posição em que ela aparece pode ser percebida como mais “relaxada” e “sensual” que a das outras bruxas em volta, talvez esse detalhe seja uma referência ao aspecto sexual que foi criado em torno dos sabbaths que até

então eram apenas parte das tradições religiosas e também de forma não intencional algo que pode ser relacionado a ideia da demonização da sexualidade feminina.

Cabe também notar que as mulheres apresentadas no quadro seguem o estereótipo das senhoras já idosas com aparências um pouco deformadas e afastadas da nossa ideia daquilo que é uma figura humana e bela. Como apontado anteriormente, essa representação foi criada através do *Malleus Maleficarum* e reforçada pela Igreja para assustar a população e fazer com que tudo que não fosse parte do catolicismo parecesse desagradável e repulsivo, fazendo o que as pessoas fossem facilmente controladas pela instituição religiosa através do medo de serem condenados ao inferno.

Ao contrário de Albrecht, Goya utilizou o esteriótipo do mal encarnado e da feiura como meio para criticar a instituição religiosa. Porém, cabe ressaltar que por anos e anos essa figura se perpetuou reforçando justamente o oposto, uma vez que o público que não conhece o histórico do artista pode se deixar guiar apenas pelo aspecto assustador de suas feiticeiras.

3 Bruxas interiores

Desde a infância o macabro foi tópico de interesse em minha vida. Bruxas, demônios, vampiros, lobisomens e todos os seres da cultura popular passavam pelos meus livros, televisão e claro, desenhos. Aos 16 anos, descobri que a bruxaria não era só aquela coisa fantasiosa que estava nas telas. Não era o sinônimo de culto satânico que estava nos meus filmes de terror favoritos; encontrei em tradições pagãs e no culto à ancestralidade e natureza algo real e poderoso, e na magia algo que poderia de fato ser praticado (apesar de ser bem menos espetaculoso que no cinema).

Com o tempo, a necessidade de expressar minha própria fé e identidade enquanto praticante do paganismo passou para o papel através do fascínio por retratar feiticeiras. Em desenhos simples, rabiscos do dia a dia ou em produções para o público. Gostaria que elas estivessem ali mostrando sua força e poder pelas cores e traços. Sempre enxerguei minhas bruxas como uma forma de retratar o que eu gostaria que fosse encontrado em minha própria persona e como um meio de mostrar que a feitiçaria e outros cultos vivem e resistem, mesmo que através de artes simples e pouco grandiosas. Gostaria que as bruxas fossem vistas nas pessoas que fazem seus chás para curas, que celebram os ciclos da natureza e da vida, que enxergam Deuses e isso, em desenhos bobos, diferente dos artistas citados anteriormente, essas imagens saíam em rabiscos despretensiosos ou na criação de enfeites para minha própria casa. Talvez essa reprodução de bruxas nunca tenha vindo de um lugar consciente em minha cabeça.

Mas através desse olhar para história, para a marginalização de crenças antigas e processo de “monstrificar” seus participantes, enxergo e reconheço muitos dos estereótipos em minha própria produção, desde as feiticeiras que imagino até autorretratos. Minhas bruxas, apesar de cercadas de flores ou animais, carregam consigo muito da associação satânica que é feita desde a Idade Média. Seja por seus olhos que sempre estão totalmente pretos ou brancos - uma demonstração do vazio engolindo a alma, seja por seus chifres que representam essa presença do maligno no corpo ou pela presença constante da Serpente que apesar de simbolizar a renovação, o renascimento em muitas crenças. Para o grande público, ainda segue sendo um sinônimo de Satã. Como é visto na figura 9, esses elementos naturalmente iam encontrando seu lugar enquanto eu desenhava e embora nunca tenham sido pensadas como figuras “malinas”

ou mesmo em um local de exaltação da maldade, essas bruxas se encontravam com esse esteriótipo.

Imagem 9 - caneta BIC e papel A4: Lilith, 2021. Trabalho autoral.



297mm x 210mm.

Fonte: Autora, 2021.

Embora ao longo dos anos, essa imagem assustadora tenha tornado-se um local de resistência e uma forma de abraçar o poder daqueles que reconhecem os horrores da Inquisição e os impactos da “febre das bruxas” na socialização feminina,

ainda assim, quando analisamos o surgimento dessa imagética e seu uso na história é de se pensar como esse imaginário segue forte e sendo reforçado até mesmo por aqueles que antagonizam com os ideais que o fizeram surgir.

Falar dos meus desenhos ou pinturas NUNCA foi a ideia inicial pra essa pesquisa e não era exatamente o que eu buscava, entretanto enquanto lia sobre Goya, Dürer, o *Malleficarum* e as bruxas na arte, me pareceu hipócrita não mostrar alguns trabalhos pessoais, mesmo que poucos e refletir o quanto esses ideais do que é uma bruxa ou a bruxaria em si continuam mantendo-se vivos até hoje nas artes em geral e a forma como mesmo aqueles que estão fora do cristianismo, acabam influenciados por uma visão criada e espelhada pelo mesmo.

Até mesmo os nomes dessas bruxas em minha arte remete à deidades como a Górgona ou Lilith, forças que dentro da magia são vistas e cultuadas como deidades e ícones de força, mas aos olhos do público geral segue sendo a associação entre feitiçaria e satanismo e embora, como dito anteriormente, nunca tenha sido a intenção colocar essas representações em um lugar de vilanização, pode-se ver que até mesmo na série “Medusas” (figuras 10, 11 e 12) essas mulheres que inicialmente pintei para explorar meu próprio culto à entidade e para explorar diferentes materiais, acaba tendo elementos que a “atrelam” a visão de monstro.

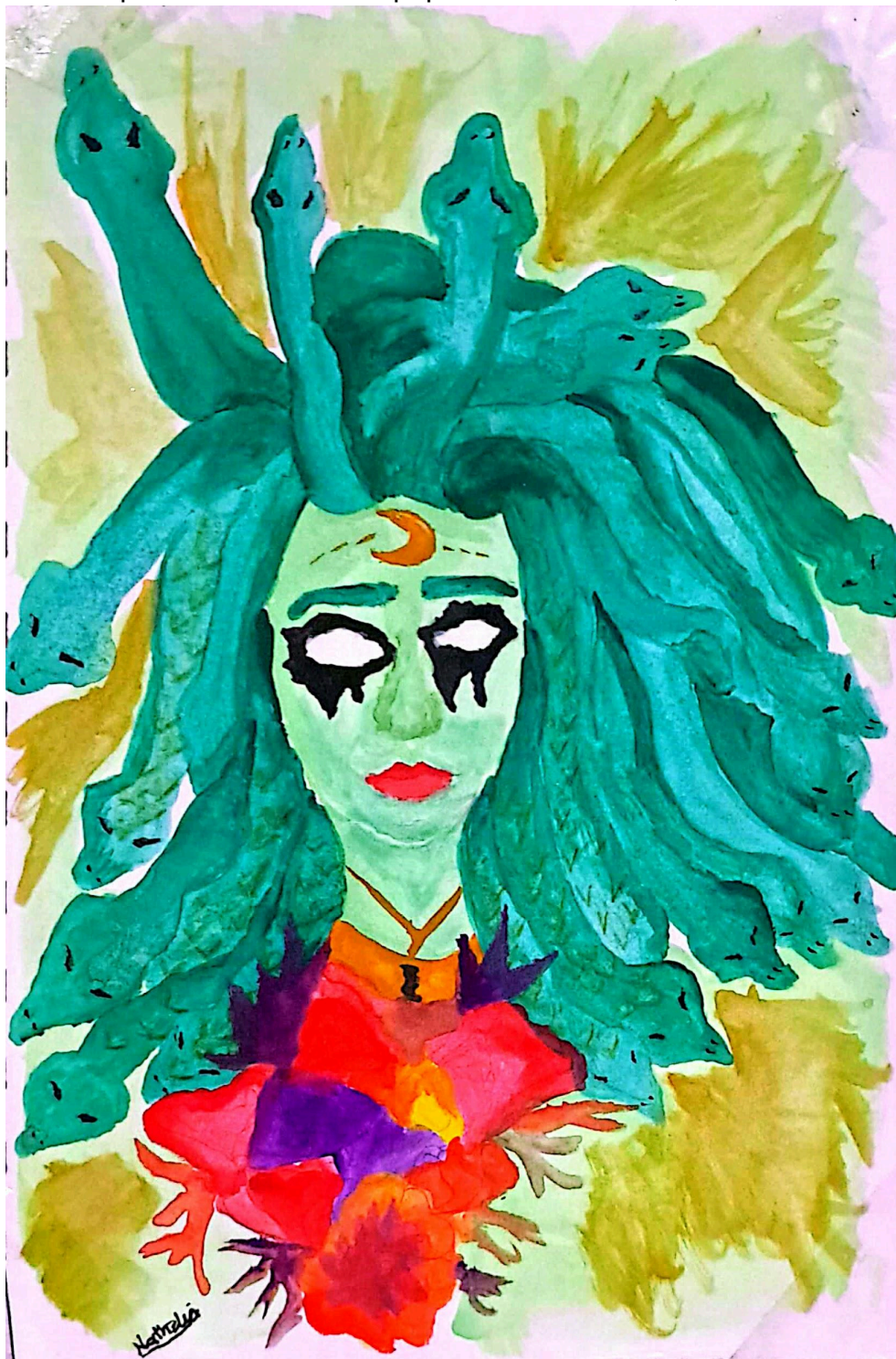
Esteticamente, embora não chegue perto do mesmo primor, meu trabalho encontra o de Goya no aspecto do grotesco e mesmo quando penso em um lugar de reflexão, acredito que seja com suas obras onde mais me encontro. Seres que se confundem entre o humano e o demoníaco. E dentro de sua mensagem, existe um tom compartilhado entre reivindicar o direito de expressão sobre quem são essas bruxas e ao mesmo tempo explicitar que essa visão monstruosa é o que foi concedido para determinados sistemas de crença ao longo dos séculos, mesmo que eles sejam apenas fés estruturadas e com dogmas tão claro e fortes quanto aqueles presentes na religião que os estigmatizou.

Imagem 10 - Caneta e papel A4 : “Medusa I”, série “Medusas”, 2022.



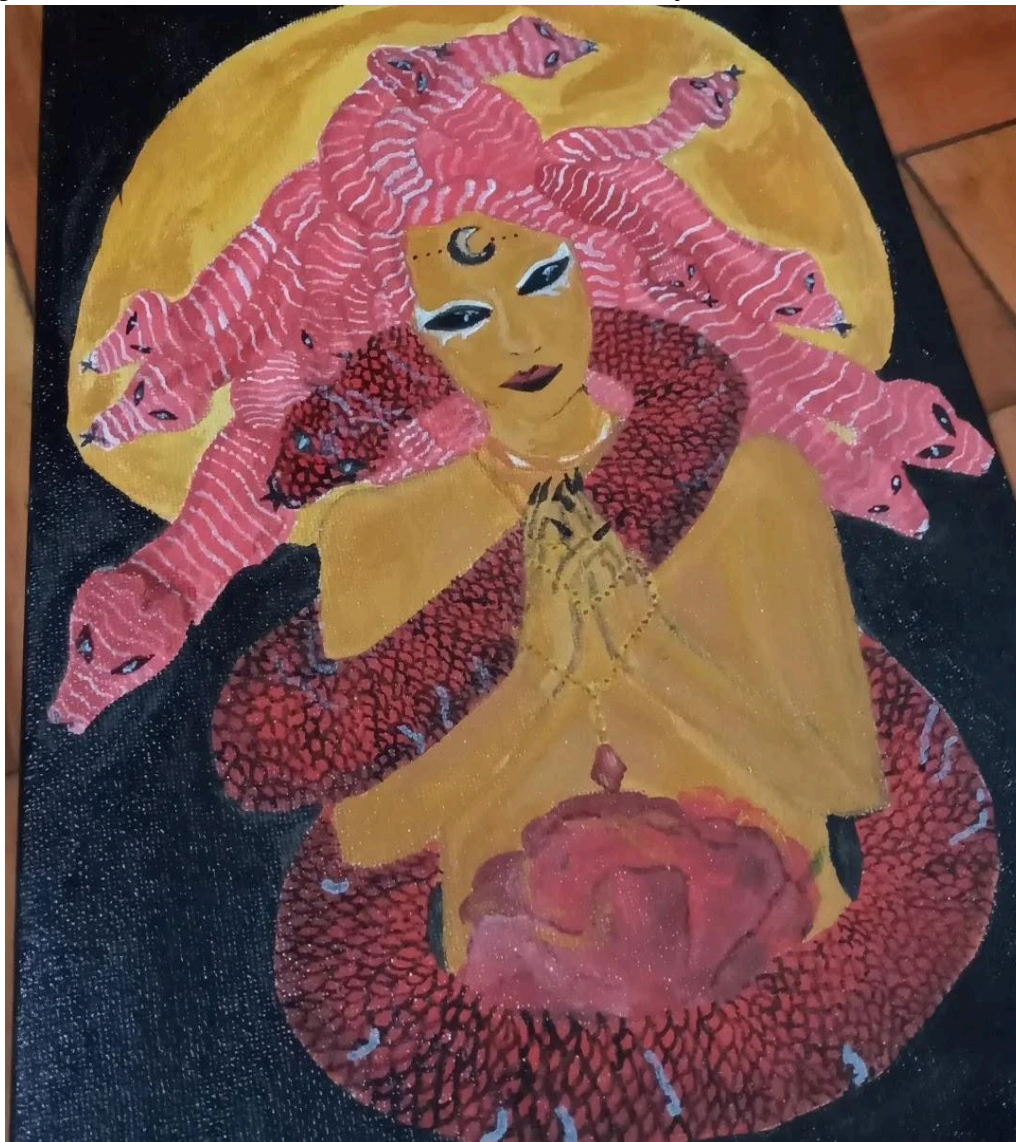
297mm x 210mm.
Fonte: Autora, 2022.

Imagem 11 - Aquarela e caneta em papel A5: "Medusa II", série "Medusas", 2022.



210mm x 148mm.
Fonte: Autora, 2022.

Imagem 12: Acrílica sobre tela - “Medusa III ou Holy M”, série “Medusas”, 2022.



40 x 60cm.

Fonte:Autora, 2022

Como mencionado antes, acredito que essa sensação ou busca por uma crítica à visão cristianizada venha muito mais de um lugar inconsciente e de anos de resistência contra minha própria crença por dogmas estabelecidos muito antes da minha existência, mas que quando confrontado por todo esse olhar para o contexto histórico da criação do conceito de bruxa acaba sendo um ponto que vejo ter muita força no discurso que essa estruturação das minhas feiticeiras passa.

Imagem 13 - Acrílica sobre tela: “Medusa III ou Holy M” (detalhe), série “Medusas”, 2022.



40 x 60cm

Fonte: Autora, 2022.

Apesar de haver o aspecto do sobrenatural e de caracterizações que fogem um pouco do humano, ainda é possível ver que algumas vezes, como no caso de *Medusa III* (figuras 13 e 14), a bruxa ainda vista aqui no local da sensualidade. A representação nua e que remete à sexualidade algo que também vem dessas ideias do passado. Embora, como seja possível ver nas figura 9 e 10, em outros momentos minha visão da bruxa traga apenas uma mulher arrumada, com suas joias e enfeites.

É interessante olhar para essas produções através desse espectro histórico, procurando vestígios e marcas daquilo que foi plantado com o publicação do Martelo das Feiticeiras e pensando em como esses detalhes haviam passados despercebidos enquanto criava essas imagens.

4 Séculos depois...como elas nos enfeitiçam hoje?

Felizmente, a imagem feminina associada ou não a bruxaria, vem mudando ao longo do tempo graças a uma luta histórica das mulheres por seus direitos, assim como a própria visão de “feitiçaria” - construída em cima de crenças religiosas não cristãs, vem sendo muito mais difundida e desconstruída ao longo da última década, cada vez mais quebrando mitos sobre todos os caminhos que divergem do tradicional. Os impactos dessas mudanças estão se tornando cada vez mais perceptíveis tanto ao abordar as feiticeiras como pessoas independentes, fortes, decididas e sem associação ao maligno como é o caso da *Morgana*² e *Hermione Granger*³ quanto ao vermos movimentos como “Somos as netas de todas as bruxas que vocês não conseguiram queimar” surgindo.

Imagem 14 - Frame do filme “A Bruxa” (2016)



Fonte: Robert Eggers, 2016.

Pensando em representações mais atreladas ao clássico, podemos falar da personagem *Thomasin* (figura 14), interpretada por Anya Taylor-Joy no filme *The Witch* de 2016. A trama, que se passa justamente no período do pânico acerca das bruxas e suas

² Personagem da Série Castelo- Rá-Tim-Bum - Flávio de Souza e Cao Hamburger

³ Personagem de Harry Potter - J. K. Rowling

ações, traz todos os clichês sobre as feiticeiras: a velha feia e com uma aparência quase animalesca; a mulher com luxúria exacerbada e os pobres homens à mercê da tentação; associação de práticas mágicas ao satanismo, mas ainda assim existe um tom de crítica e discussões sobre essa figura e seu impacto atual no mundo; tal como uma breve representação da rivalidade imputada entre mulheres e claro, a perseguição que essa “associação” ao maligno gerou para diversas inocentes.

É possível citar também como exemplos, Elaine Parks, a personagem principal do filme *The Love Witch* (2016) e Sabrina Spellman da nova versão da série dos anos 90 *O Mundo Sombrio de Sabrina*. Duas representações de feiticeiras nos tempos atuais que embora ainda acabem fazendo a associação entre bruxaria e feitos em alguns momentos malignos, distanciam sua imagem do monstro que era espalhado anteriormente e começa a mostrar meninas e mulheres normais, mas que possuem uma inclinação religiosa diferente do usual e é importante que analisemos essa estrutura anterior e que comparações sejam feitas para que possamos ver as mudanças em nossa sociedade também.

As bruxas nas produções modernas, em especial no audiovisual, abraçam um tom divertido e que muitas vezes é visto no lugar da comédia e do fantástico. São jovens e senhoras que tem sabedoria, poder e que vivem livres - coisas que nas imagens clássicas eram ocultadas ou mesmo pintadas como a maior das ofensas.

Atualmente, a imagem da bruxa, até mesmo quando usada dentro dos padrões clássicos, é atrelada à luta e a liberdade e cada vez mais vai distanciando-se do que a cercava em sua formação. Entretanto é necessário observar como a arte serviu como um instrumento de classificação e repressão das mulheres e de grupos religiosos através de um estereótipo que foi reproduzido por séculos e ao longo da história vem sendo reeditada. Olhar para esse histórico, não apenas dentro desta temática, é lembrar que arte é voz, é política e que através das obras podemos reforçar ou enfraquecer certas crenças e estruturas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O imaginário que temos do que é uma bruxa vem de séculos e mais séculos atrás e ainda hoje segue sendo alimentado e reestruturado. Talvez não seja correto dizer que o Martelo das Feiticeiras criou a ideia das bruxas ou mesmo a imagem destas, mas é possível analisar que a partir da sua publicação e do crescimento da Inquisição feita pela Igreja o ideal do que é uma feiticeira, como encontrá-la e como representá-la foi estabelecido e até os dias atuais encontramos as marcas disso na cultura popular, como por exemplo a ligação das bruxas com vassouras ou os chapéus pontudos.

A escolha de Goya e Dürer vem da vivência de ambos dentro do contexto histórico cultural onde essa figura nasceu, da relação de inspiração que Francisco tinha em relação à Albrecht e de como ambos usaram as feiticeiras, seja em seu aspecto demoníaco seja em sua figura escultural, como um meio de reforçar ou satirizar a sociedade da época e a influência da Igreja na mesma; de certa forma até mesmo invertendo papéis, uma vez que um usa o aspecto de monstro em crítica e outro a beleza como força do mal. Mas ver a obra destes artistas, o momento no qual elas surgiram e pensar trabalhos atuais que ainda carregam um pouco dessa influência, é ver como a arte é política, como ela é uma ferramenta para que ideais sejam repassados, normalizados e estabelecidos na cabeça das pessoas, mesmo que não seja intencionalmente.

E embora o foco desta pesquisa nunca tenha sido pessoal, é interessante ver como essa movimentação ideológica que estava presente tanto tempo atrás ainda de alguma maneira se faz presente no subconsciente coletivo e como demonstra impacto até mesmo naqueles que de alguma forma são parte do grupo que é “atingido” por essa representação - eu inclusa. Esse processo me fez pensar minha voz enquanto artista, qual mensagem é importante e como passo essa ideia para o mundo.

Embora teórico e um tanto afastado da criação, ao fim dessa monografia vejo como a magia move meu processo criativo e como o exterior e as obras dos que vieram antes de mim se fazem presentes, além é claro de me colocar numa posição de refletir criticamente sobre tudo que coloco num papel (ou tela).

Analisar o processo de criação e a propagação de um determinado estereótipo é uma forma de lembrar como a arte tem poder e como essa plataforma pode ser usada.

REFERÊNCIAS

ALTENHOFEN, Maiara Cristina. **MANUAIS INQUISITORIAIS: A BRUXA VISTA SOB A ÓTICA DO MALLEUS MALEFICARUM E DIRECTORIUM INQUISITORUM (SÉCULOS XIV A XVI)**, 30 nov 2017. Monografia trabalho de conclusão de curso de graduação em licenciatura em história. Universidade Federal da Fronteira Sul, Chapecó, 2017.

Disponível em:

<https://rd.uffs.edu.br/bitstream/prefix/1700/1/ALTENHOFEN.pdf>

AREIAS, Yasmin de Oliveira Silva. **As bruxas de Goya: A representação da feiura nas artes visuais**, 4 jul 2018. Monografia trabalho de conclusão de curso de graduação em licenciatura em Artes Visuais. Departamento de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Natal, Rio Grande do Norte, 2018. Disponível em:

https://monografias.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/6910/8/AsBruxasGoyaRepresentacaoFeiura_Areias_2018.pdf

AS três graças, século II. Escultura romana, França. Disponível em:

[https://guiadolouvre.com/as-tres-gracas/#:~:text=Eufrosina%20\(alegria\)%2C%20Agliaia%20](https://guiadolouvre.com/as-tres-gracas/#:~:text=Eufrosina%20(alegria)%2C%20Agliaia%20). Acesso em: 01 ago. 2024.

CASTRO, Vinicius Vasconcelos. **Bruxas e monstros nas representações pictóricas de Goya**. Diversidade religiosa. Paraíba, v.2 n.2. p. 1-10. 11 out 2012. Disponível em:

<https://periodicos.ufpb.br/index.php/dr/article/view/13831/7845>. Acesso em: 2 ago. 2024.

DÜRER, Albert. **Quatro mulheres nuas**. 1497. 1 gravura. Disponível em:

<https://g.co/arts/uJo9UaVoDLvy1qaEA>. Acesso em: 1 ago. 2024.

GOYA, Francisco de. **ADORAÇÃO DO NOME DE DEUS**, 1772. Óleo sobre tela. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010].

Disponível em:

https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Adora%C3%A7%C3%A3o_do_Nome_de_Deus&oldid=67336267. Acesso em: 19 jul. 2024.

GOYA, Francisco de. **EL AQUELARRE**, 1798. Óleo sobre tela a partir de um afresco. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010].

Disponível em:

[https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=El_Aquelarre_\(1798\)&oldid=60210591](https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=El_Aquelarre_(1798)&oldid=60210591). Acesso em: 19 jul. 2024

Goya, Francisco de. **Los Caprichos**, 1799. Gravura. Biblioteca Virtual Miguel Cervantes.

Disponível em: <https://www.cervantesvirtual.com/nd/ark:/59851/bmcn58w2>. Acesso em: 10 ago. 2024.

KRAEMER, Heinrich; SPRENGER James. *Malleus Maleficarum: O martelo das feiticeiras*. Tradução: H.S, Alex. Edição Brasileira, 2007. *Ebook*.

Lellis, Carla Márcia Basso Bortoloni. **O surgimento e a presença de seres irreais nas obras de Francisco Goya**, 16 set 2022. Monografia de Mestrado em Artes Visuais - Instituto de Artes UNESP, São Paulo, 2022. Disponível em:
<https://repositorio.unesp.br/items/ad651c22-be23-4852-8766-8be9c80b9a56>

NOEME SANTOS PORTELA, L. **Malleus Maleficarum: bruxaria e misoginia na Baixa Idade Média**. *Religare*, [S. l.], v. 14, n. 2, p. 252–281, 2017. DOI: 10.22478/ufpb.1982-6605.2017v14n2.36472. Disponível em:
<https://periodicos.ufpb.br/index.php/religare/article/view/36472>. Acesso em: 8 ago 2024.

PIERCE, Scott. **The witch is sinister, smart and widly feminist**. Revista **WIRED**. Estados Unidos. 19 fev 2016. Disponível em:
<https://www.wired.com/2016/02/the-witch-demonization-women/>. Acesso em: 18 jul. 2024.

RODRIGUES, Kethlen Santini. **O SURGIMENTO DA IMAGEM DA BRUXA NAS ARTES VISUAIS: BRUXARIA E SEXUALIDADE NAS OBRAS DE ALBRECHT DÜRER E HANS BALDUNG GRIEN**, 2018. Monografia de Mestrado em Artes Visuais. Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2018. Disponível em:
<https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/185237/001082016.pdf?sequence=1&isAllowed=y>

MALLEUS Maleficarum edição veneziana de 1576, 2016. Fotografia, color. Formato JPEG. 145 kb. In: WIKIPEDIA: the free encyclopedia. [San Francisco, CA: Wikimedia Foundation, 2010]. Disponível em:
https://pt.wikipedia.org/w/index.php?title=Malleus_Maleficarum&oldid=68911151. Acesso em: 24 jul. 2024.